



A fábrica Bangu: um olhar sobre a história do Brasil através do local

The Bangu Factory: a look at the Brazilian History through the place

Matheus Mendanha Cruz

Graduado em História

Universidade Estadual de Ponta Grossa

matheusmcruz@live.com

Recebido em: 11/02/2017

Aprovado em: 28/01/2018

RESUMO: O presente trabalho visa problematizar o ensino de história pelo viés da História Local. Para isso trabalhamos com a história da Fábrica Bangu por ela estar inserida num contexto de desenvolvimento industrial pelo qual o Brasil passou na virada do século XIX para o XX. Também é possível pensar a inserção do modelo fabril inglês no cotidiano brasileiro, bem como os aspectos cotidianos da vida do operário no interior e no exterior dos muros das fábricas. Apresenta-se aqui o futebol como uma das vivências dos operários cariocas do início do século XX para ser um provocador da reflexão diacrônica do papel empregado ao esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Fábrica Bangu, Ensino de História local e do Brasil, Imigração.

ABSTRACT: This work has, as a goal, discuss the teaching of history by the bias of Local History. To do it, we worked with the Bangu Factory's history for this to be inserted in a context of industrial development by wich Brasil did in the end of XIX century and begin of the XX century. It is also possible to think the insert of English manufacturing model in Brazilian daily life, as well as everyday aspects of worker's life inside or outside of the factory's walls. Here present the soccer as a Cariocas workers' habit in begin of XX century to be a provocateur of diachronic reflection of sport's function.

KEYWORDS: Bangu Factory, Teach of Local and Brazilian History, Immigration.



Introdução

A linha que nos guiará durante o texto é a reflexão de como abordar o tema da industrialização e suas consequências em sala de aula, de modo que o aluno se veja como sujeito da História e consiga construir inter-relações entre passado, presente e futuro.

Para discutirmos esse processo, utilizaremos a Fábrica Bangu, hoje desativada de sua função original, mas que ainda faz parte do cotidiano de muitos jovens deste bairro e adjacências por ter sido transformada em um *Shopping Center* que preserva a estrutura arquitetônica fabril.

Primeiramente discutiremos o fluxo migratório pós 1850 que o Brasil recebe e como este se relaciona com a industrialização do país. Também abordaremos a situação histórica do Brasil ser um Estado centralizado e, por isso, ter o governo grande participação no processo de industrialização, pensando, para isso, a relação entre Império e Irineu Evangelista de Souza. Este, conhecido como Visconde de Mauá, foi uma importante personagem durante o Império, sendo pioneiro em várias áreas da economia do Brasil, como a implantação da primeira ferrovia brasileira, a criação do primeiro Banco do Brasil, dentre outras realizações. Por essas razões, é fundamental para qualquer reflexão sobre esse período discorrer ao menos um pouco sobre esse industrial.

Também trabalharemos mais atentamente a própria história da Fábrica Bangu como exemplo de indústria surgida no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, também ressaltando a vivência operária, os movimentos sociais e o futebol como opção de vida.

Por fim, discutiremos a importância de se abordar a História a partir da vivência do aluno, possibilitando que com isso ele passe a ser parte integrante da construção do conhecimento e não mero receptor. Na última parte elaboramos uma proposta para se abordar Revolução Industrial, Movimento Operário, Industrialização no Brasil e a Ideia de Progresso através do eixo condutor: Fábrica Bangu.

Imigração

A imigração para o Brasil teve várias facetas. Após a proibição do tráfico de escravos, o país passou a requerer mão de obra branca. Dentre os motivos para esse esforço se encontra o projeto de eugenia das elites brasileiras. Outro aspecto que contribuiu para a busca de mão de obra branca foi a necessidade que o país tinha de ocupar territórios em seu interior para garantir suas fronteiras. Entretanto, essa proposta nem sempre saiu como deveria. O incentivo estatal para trazer europeus para o Brasil começa no Segundo Reinado e apenas no período Republicano consegue



ganhar força e vulto nos movimentos demográficos¹. Ainda há, para contribuir com esse movimento migratório, a industrialização que começa a passos curtos ainda no século XIX e que precisa de mão de obra especializada, uma vez que os escravos africanos não estavam habituados a esse tipo de serviço.

A imigração no Rio de Janeiro foi composta, em sua maioria, por portugueses, até pelas relações que estes já tinham na cidade facilitando a adaptação no Brasil. São esses que caracterizam a economia do Rio de Janeiro como comercial e também injetam capital na indústria. Manolo Florentino e Cacilda Machado² discorrem sobre essa construção econômica da cidade do Rio de Janeiro, assim como sobre os traços imigratórios que permitiram aos habitantes do norte de Portugal virem para o Brasil.

As primeiras experiências de apoio do governo à imigração ocorrem com Nicolau Campos Vergueiros, vinculadas à colonização, e não alcançam o objetivo esperado, pois acabam por instalar uma escravatura branca³. Essa escravatura ocorria devido aos colonos não conseguirem devolver o dinheiro investido em suas passagens, além de se verem obrigados a comprarem produtos apenas dos donos das fazendas, o que, conseqüentemente, fazia com que suas dívidas nunca cessassem. Esse sistema de monopólio do comércio que gerava essa *dependência* dos imigrantes não se deu apenas no século XIX e muito menos apenas no campo. Dentro das iniciativas fabris também foi empregado esse modelo, inclusive havia fábricas que incentivavam a agricultura dentro das terras pertencentes à Cia. dona da fábrica para que pudessem vender aos operários. A Fábrica Bangu é um dos exemplos deste modelo⁴.

Estado e Indústria

Um dos principais aspectos da cultura industrial no Brasil é a influência estatal. Os interesses políticos, muito ligados aos particulares, acabavam por tecer acordos e leis que ditavam a organização econômica brasileira. Carlos Bertero e Tatiana Iwai⁵ afirmam que:

[...] a elite política e econômica tinha duas bases de sustentação que poderiam mesclar-se e frequentemente se mesclavam: a propriedade fundiária e o Estado, através de cargos na administração pública ou pelo clientelismo pelo qual se usava o poder e os recursos do Estado para o atendimento de interesses privados.

¹FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 113-114.

²FLORENTINO, M.; MACHADO, C. Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX). **PSR**, 1, p. 58-84. 2002.

³FAUSTO. **História Concisa do Brasil**, p. 114

⁴JUNIOR, N. J. D. S. Quando a Fábrica cria o Clube: O Processo de Organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde: Revista de História do Esporte**, 6, n. 1, p. 1-19, 2013.

⁵BERTERO, C. O.; IWAI, T. Uma Visita ao Barão. In: **Rev. adm. contemp**, Curitiba, v. 9, n. 2, 2005. p.2



A industrialização, assim como a República, são frutos de uma nova oligarquia que chega ao poder no Brasil. A velha oligarquia cafeeira-escravista fluminense estava muito ligada à monarquia, que empregava uma política de restrição de crédito industrial e manutenção da estrutura mercantilista originária do clientelismo colonial⁶. Com o fim do tráfico negreiro essa antiga estrutura político-econômica se vê enfraquecida, possibilitando a ascensão dos Barões do Café paulistas, os quais se utilizavam da mão de obra imigrante da Europa, e também o surgimento de um novo partido político sob a defesa de descentralização do poder, o primeiro Partido Republicano do Brasil: PRP (Partido Republicano Paulista)⁷. Não é diferente com a industrialização. Ela ganha força no Brasil com o enfraquecimento da elite agroexportadora, até então dominante no Brasil.

Durante o século XIX, a indústria brasileira passa a ganhar força e isso principalmente através do empreendedorismo de Irineu Evangelista, mesmo tendo D. João VI permitido logo depois de sua chegada a implantação de indústrias em território nacional. Esse desenvolvimento tem ligação com a cultura do café, com a abolição da escravatura e com o processo imigratório europeu.

Hebert Klein⁸ demonstra que a economia do café era baseada na mão de obra escrava africana e em seu comércio, fazendo um alto giro de capital. A lei de 1850, que proíbe o tráfico negreiro, acaba por gerar a sobra desse capital, uma vez que o comércio externo da escravaria deixa de existir oficialmente e os comerciantes desse setor passam a investir no inovador setor industrial. Este movimento fortalece a chegada de imigrantes que já estavam habituados às máquinas e ao modelo fabril de organização do trabalho, diferentemente dos escravizados que trabalhavam no Brasil.

Após 1850, o café continua como produto em ascensão e extrapola os limites do Vale do Paraíba. Enquanto a primeira etapa era basicamente fluminense e ligada à escravatura, após 1850 os cafeicultores paulistas já começaram a produzir com mão de obra livre fornecida pela imigração europeia. É nessa segunda etapa que o Brasil se torna a potência mundial na exportação deste produto, o que permite o investimento em outras áreas da economia, no caso a indústria,

⁶ _____. Uma Visita ao Barão, p.2

⁷ RAMOS, P. D. A. **Partido Republicano Paulista (PRP)**. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20PAULISTA%20\(PRPR\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20PAULISTA%20(PRPR).pdf)>. Acesso em: 06 Janeiro 2017.

⁸KLEIN, H. S. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**, XXVIII, n. 121, p. 235-265, 1993. p. 241.



principalmente em momentos de baixa do preço do café⁹.

A forte influência estatal na indústria nacional, segundo Suzigan¹⁰, levou “a uma indústria ineficiente, tecnologicamente atrasada e pouco competitiva a nível internacional”. A crítica ao intervencionismo já vem desde o Barão de Mauá, quando o mesmo coloca o Império e suas manobras políticas como fator decisivo de sua falência¹¹.

Essa influência vem desde o século XIX devido à organização altamente centralizada que foi implantada no Brasil, isso sem contar com os anos de colônia portuguesa. A permanência da necessidade de anuência governamental para o desenvolvimento do setor econômico pode ser percebida por meio da ação do “ministro da Fazenda, Alves Branco, (que) criou novas taxas alfandegárias, a partir das quais as mercadorias estrangeiras que desembarcassem no Brasil teriam que pagar de 20 a 60 por cento de impostos alfandegários”¹². Com a nova tarifa alfandegária buscou-se apoiar a indústria nacional.

Nos parágrafos a seguir, iremos nos deter em fazer um breve histórico de algumas ações que demonstram a grande influência do Estado português, mais tarde do brasileiro também, no setor econômico, sempre buscando defender interesses particulares. Um dos exemplos a ser considerado para perceber esse rastro histórico da intervenção estatal ainda no período colonial, mais especificamente na década de 1750, são as propostas pombalinas (Estatuto da Companhia do Grão-Pará e Maranhão; Lei de Proibição dos Comissários Volantes) e o *Pacto Colonial* que colocava na mão das Companhias o comércio, dando a elas monopólio, o que, na prática, inibia a criação de indústrias no Brasil. Também é possível destacar que com D. Maria I passa a ser proibida expressamente a construção de fábricas e a produção de manufatura (Alvará que proíbe as Fábricas e Manufaturas no Brasil – 1758), sendo esta justificada pela ausência de mão de obra no Brasil, o que, conseqüentemente, desviaria o foco dos colonos que deveria ser apenas a produção de matéria-prima para exportação. Estas ações reduziram o mercado brasileiro oficial apenas à metrópole, fazendo com que o Brasil exportasse a preços mínimos e importasse os débeis produtos manufaturados portugueses a preços mais elevados.

No ano de 1808 ocorreu nova intervenção na questão industrial, dessa feita com a vinda da família real para o Brasil. Já na chegada do regente na Bahia foi assinada a Abertura dos Portos às

⁹SOUZA, R. R. R. **Mauá e a tradição da modernização industrial no Brasil**. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2007, p. 46-54.

¹⁰SUZIGAN, W. Estado e Industrialização no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 8, n. 4, p. 5-16, 1988. p.15.

¹¹BERTERO; IWAI. Uma Visita ao Barão, p.2.

¹²SILVA, F. D. A.; BASTO, P. I. D. A. **História do Brasil**. 2. ed. ed. São Paulo - SP: Editora Moderna, 1990, p. 165.



Nações Amigas a pedido dos comerciantes dali e do acordo já feito com a Inglaterra na Europa, sendo esse tratado também a liberdade para a construção de indústrias em terras brasileiras.

Interessante observar que o acordo que permitia a abertura de indústrias é complementado por outro datado do ano de 1810 que leva a taxa alfandegária dos produtos ingleses a uma porcentagem de 15%, enquanto os portugueses eram de 16% e os demais de 24%,¹³ tornando deste modo desleal a concorrência, tanto interna como externa, sendo nada vantajoso o investimento no setor industrial nacional.

No ano de 1844, ao caducar o acordo feito em 1810 e renovado por D. Pedro em 1827, não mais se manteve os privilégios ingleses, pelo contrário, foi promulgada a *Tarifa Alves Branco* que previa a taxa de 30 a 60% sobre os produtos importados. “A finalidade básica da tarifa era obter rendas para o Estado e, indiretamente, proteger a indústria nacional da concorrência dos produtos estrangeiros mais baratos, melhores e vendidos em grande quantidade”¹⁴.

Mesmo com a proposição da Tarifa Alves Branco o mercado consumidor interno continuava enfraquecido e vulnerável, uma vez que a aristocracia nacional era, segundo Barbeiro¹⁵, “exígua e preferia fazer compra no exterior. Além disso, as importações a baixo preço desincentivavam o produto nacional”.

Mauá

A atuação do Visconde de Mauá ocorreu durante o Segundo Reinado, sendo ele um dos principais vetores para o avanço industrial do Brasil. Irineu Evangelista de Souza passou a Barão e depois a Visconde de Mauá pelos seus investimentos no Brasil, inicialmente pela primeira ferrovia a funcionar em território nacional e depois por concatenar Brasil a Europa através de um cabo submarino para ligações telegráficas.

Mauá ainda foi responsável por outros empreendimentos, como a iluminação à gás do Rio de Janeiro, bancos que funcionavam tanto na América Latina como na Europa e o estaleiro Ponta da Areia que em poucos anos empregou cerca de mil trabalhadores¹⁶. Esses empreendimentos se chocaram com aquilo que a elite brasileira buscava manter para o Brasil: uma economia de exportação de produtos agrícolas. Barbeiro¹⁷ explica essa posição do Brasil no mundo afirmando

¹³ RICUPERO, Rubens. O Problema da Abertura dos Portos. **Instituto Fernand Braudel de Economia**. 2008. p. 13-14. <Disponível em: <http://pt.braudel.org.br/pesquisas/arquivos/2008/o-problema-de-abertura-dos-portos.php>>. Acesso em: 29/05/17.

¹⁴ BARBEIRO, H. **História do Brasil**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1978. p. 198

¹⁵ _____. **História do Brasil**, p. 199

¹⁶ SOUZA, R. R. R. **Mauá e a tradição da modernização industrial no Brasil**. pp. 46-47.

¹⁷ BARBEIRO. **História do Brasil**, p. 199.



que “o capitalismo financiou o desenvolvimento das áreas industriais e manteve o resto do mundo como dependente na periferia do sistema”.

Rafael Souza, em sua dissertação, destaca a caminhada do menino que se tornaria o Visconde de Mauá, desde o início da carreira como caixeiro e depois de seus relacionamentos com empreendimentos ingleses. É essa influência inglesa que lhe permite compreender a lógica industrial, mais independente do Estado, tanto que conseguiu muitos investimentos e também mão de obra de confiança na Inglaterra¹⁸.

Embora Mauá tenha sido um dos principais nomes desses primórdios do fortalecimento da indústria nacional, acabou por construir fortuna se tornando o homem mais rico do Brasil, mais do que o próprio Imperador¹⁹. Esse império industrial acabou por falir, entretanto deixou como legado uma das principais figuras que passou a representar o empreendedorismo nacional bem sucedido.

O desenvolvimento industrial pelo qual o Brasil passou nos anos de 1850, conjugado com a Lei de Terras (1850) - lei que obrigava comprar a terra para ter sua posse-, são traços da política confusa do século XIX no Império do Brasil. No mesmo ano que se proíbe o tráfico negreiro, se elitiza o acesso à terra, começa a haver imigração organizada e apoiada pelo governo. O mercado de trabalho do Brasil só se tornará mais industrial na década de 1950²⁰, até lá o país continuou esmagadoramente agrícola, passando apenas da mão-de-obra escrava para livre (imigrante), mas, mesmo assim, não havendo condições que possamos considerar, para os nossos padrões, básicas para o trabalho e a sobrevivência.

Fábrica Bangu e o Futebol

Bangu é um dos bairros mais populosos e tradicionais da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, conhecido pelo calor excessivo e também pelo clube de futebol do bairro. As origens deste local remontam à Fábrica Bangu, que foi organizada no final do século XIX pela Cia. Progresso Industrial do Brasil onde hoje se encontra o centro do bairro.

Atualmente a fábrica foi transformada em um *Shopping Center* que manteve a estrutura externa dos prédios que compunham a fábrica e na parte interior manteve locais e investiu em quadros que oportunizam a rememoração do desenvolvimento da Fábrica Bangu e do próprio bairro.

¹⁸SOUZA. **Mauá e a tradição da modernização industrial no Brasil**, p. 46-47, 55.

¹⁹BERTERO; IWAI. *Uma Visita ao Barão*, p.2

²⁰SUZIGAN. *Estado e Industrialização no Brasil*, p. 6.



A Cia. Progresso Industrial do Brasil foi criada em 1889 com o projeto de construir uma fábrica têxtil sob o modelo inglês. A Cia. adquiriu algumas fazendas e escolheu o território da Fazenda Bangu para instalar a fábrica. Esta escolha se dá principalmente pela proximidade da estação de trem, demonstrando a importância da ferrovia para o modelo fabril, já que a região estava distante dos portos e do centro da cidade dificultando, se não fosse o transporte ferroviário, o escoamento da produção e também a chegada de matéria-prima²¹.

A vila operária termina de ser construída em 1892, transformando a imagem rural de até então²². A fábrica é inaugurada oficialmente um ano depois, sendo que desde o ano anterior já estava em atividades de testes e recebendo os empregados, boa parte deles britânicos²³. Essa imigração europeia para trabalhar na Fábrica Bangu, principalmente advinda do Reino Unido, confirma as tendências, já exploradas anteriormente, dos fluxos migratórios pós 1850.

É através da influência inglesa que a fábrica acaba por marcar a história da cidade como sendo a primeira a permitir e depois investir em um clube operário. Este tem sua origem na disposição dos próprios funcionários habituados com o esporte em sua terra natal, e posteriormente acaba recebendo apoio dos patrões²⁴, tendência que será seguida por outras empresas da cidade²⁵.

Além de ser o primeiro clube operário que realmente coloca operários para jogar e não jogadores que são apenas registrados como tal²⁶, Bangu defende em sua memória o pioneirismo do futebol nacional. Essa memória ocorre sob a afirmação de que foi na fábrica que ocorreu a primeira partida de futebol no Brasil com uma bola trazida da Escócia pela esposa de um operário que havia vindo meses antes e que, através de uma carta, pediu para sua esposa que trouxesse uma bola quando viesse, pois aqui no Brasil ainda não se tinha inserido o costume de jogar futebol.

Essa memória é reforçada no bairro, tanto que há no *Shopping* uma estátua em memória a Thomas Donohoe, operária que mandou vir a bola da Escócia. É inegável que houve um esforço dos operários para jogar futebol, o que deu início a organização do clube Bangu. Entretanto, não há como comprovar que realmente a primeira partida de futebol aconteceu na fábrica os em suas

²¹OLIVEIRA, M. P. D. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v. X, n. 218 (51), 1 Agosto 2006.

²²JUNIOR. Quando a Fábrica cria o Clube: O Processo de Organização do Bangu Athletic Club (1910), p. 9.

²³SEVERINO, C. M. R. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA e 12ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, Vitória - ES: [s.n.]: 2015. p. 1-29. p.4.

²⁴JUNIOR. Quando a Fábrica cria o Clube: O Processo de Organização do Bangu Athletic Club (1910), p. 2.

²⁵ANTUNES, F. M. R. F. O Futebol nas Fábricas. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 102-109, 1994. p. 106.

²⁶_____. O Futebol nas Fábricas.



imediações. O site do Globo Esporte²⁷ discute a história e deixa claro que não há documentos concretos que a comprovem, entretanto o site dedicado ao Bangu Atlético Clube²⁸ e o site do Museu de Bangu²⁹, baseado principalmente em Carlos Molinari e Rogério Melo, tratam a discussão como encerrada a favor da comprovação de que o bairro foi o berço do futebol no Brasil.

Essa memória fortalece o sentimento de pertencimento e auxilia a pensar a relação entre os imigrantes e os demais operários. A maioria das fábricas não aceitava outras nacionalidades que não as britânicas em seus times, o que demonstra a superioridade numérica destes no setor fabril e também sua relação com o esporte. Em Bangu, devido à falta de britânicos para jogar, passa-se a aceitar outros operários, o que, segundo Fátima Antunes³⁰, começa a democratizar o futebol.

A relação entre futebol e mundo fabril vai além de simplesmente um *hobby*. Fátima Antunes discute sobre esse processo de inserção do futebol na relação de negócios de empresas e também do próprio Estado, principalmente com Getúlio Vargas. Para a autora, “os industriais brasileiros perceberam cedo que o futebol praticado pelos operários poderia funcionar como um ótimo mercado publicitário”³¹, além dos operários ficarem orgulhosos de trabalhar numa empresa com um time vencedor.

Não é só pelo Estado e pelos patrões que o futebol passou a ser tido como estratégia. Os movimentos sociais de tendência comunistas e anarquistas também se posicionam sobre o esporte e por este ser praticado pelos operários. No final da década de 1920 tanto anarquistas como comunistas se colocam contra a prática do futebol por este desvirtuar a luta. Somente na década de 30 que os comunistas passam a apoiar o esporte como meio de agregar³².

O futebol também se tornou uma opção de melhoria de vida aos operários. Muitos empregados foram admitidos por jogarem bem e, deste modo, tinham acesso a trabalhos mais leves dentro da fábrica e, também, a promoções mais rápidas, entretanto não deixavam de ser operários³³.

Vivência na Fábrica Bangu

A estrutura que a Cia. Progresso Industrial do Brasil organizou a torna praticamente

²⁷ ALLIATTI, Alexandre. **Charles Miller? Em Bangu, futebol brasileiro é cria de escocês**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2012/04/charles-miller-em-bangu-futebol-brasileiro-e-cria-de-escoces.html>. Acesso em: 31/01/17.

²⁸ **1889 a 1903**. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1889a1903.php#sobe>. Acesso em: 31/01/17.

²⁹ Disponível em: <http://www.bangu.org.br/?p=79>. Acesso em: 14/01/17.

³⁰ ANTUNES. O Futebol nas Fábricas, p. 104

³¹ _____. O Futebol nas Fábricas, p. 106.

³² _____. O Futebol nas Fábricas, p. 107-8.

³³ _____. O Futebol nas Fábricas, p. 106.



independente do poder público. É a própria fábrica, segundo Nei Júnior³⁴ e Oliveira³⁵, que fornece luz artificial, água encanada, serviços médicos e farmacêuticos, assim como arrenda as terras para a produção dos alimentos vendidos nos armazéns. Neste sistema de armazéns abria-se a conta para os operários adquirirem os produtos e cobrava-se diretamente na folha de pagamento, o que tornava-se a única opção de consumo dos empregados, prática muito semelhante ao modelo vigente durante a iniciativa de Campos Vergueiro, já mencionado anteriormente neste texto, referente ao colonato europeu no Brasil.

Essa estrutura permite que se crie de fato um bairro em torno da fábrica, inclusive com uma escola denominada Rodrigues Alves, que não atendia a todos os filhos de operários. Carlos Severino³⁶ discute a diferenciação ocorrida dentro das fábricas entre os operários, sendo os europeus mais valorizados, principalmente os ingleses, permitindo que seus filhos tivessem prioridade tanto nos times juvenis de futebol como na escola criada pela própria fábrica.

Mesmo com a escola, o trabalho na fábrica continuou sendo importante para a lógica da época, já que era motivo de orgulho poder dizer que se trabalhava desde os 10 anos de idade³⁷. Sendo assim, mesmo com tantas mortes e perigos que Severino trabalha em seu texto, era motivo de orgulho ser funcionário da Fábrica Bangu.

Outro aspecto importante a ser destacado sobre a relação da fábrica e o bairro é o reflexo da Lei de Terras que define as linhas para a formação do bairro atual. A partir de 1930 a fábrica começa a lotear suas terras vendendo-as para os arrendatários e descontando em folha as parcelas. Em 1950 passou também a vender para terceiros, deste modo surgindo conjuntos habitacionais como Vila Kennedy (1964) e Vila Aliança (1962)³⁸.

História Local em sala de aula

A educação tem por objetivo, dentro da Constituição brasileira, permitir que o educando, ao sair da escola, possa estar minimamente preparado para a vida numa sociedade democrática e também para se estabelecer no mercado de trabalho. A História é uma das disciplinas que tem a possibilidade de lhe fornecer, de forma muito prática, o bojo de habilidades para o respeito à alteridade, a escolha de modelos políticos, econômicos e sociais e também leitura de mundo. Selva

³⁴JUNIOR. Quando a Fábrica cria o Clube: O Processo de Organização do Bangu Athletic Club (1910), p. 10.

³⁵OLIVEIRA. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.

³⁶SEVERINO. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República, p. 15-16.

³⁷_____. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República, p. 25.

³⁸OLIVEIRA. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.



Fonseca e Marco Antônio reforçam essa ideia ao afirmarem que “aprender História é ler e compreender o mundo em que vivemos e no qual outros seres humanos viveram”³⁹.

Essa leitura de mundo, que se refere a compreender aquilo que está no entorno e saber ler além do que está posto, é fundamental para a atuação dentro do regime democrático. Para isso é ideal que o aluno parta de suas experiências e cotidiano para que possa compreender-se como sujeito histórico e perceber que a História não é algo feito por intelectuais afastados do cotidiano, pelo contrário, a História é área de vivência comum.

Para este modelo de ação pedagógica dentro da disciplina histórica é fundamental que se permita ao aluno encontrar-se como sujeito de fato na construção do conhecimento. Não se trata apenas de falar de lugares ou fatos que lhe são familiares, mas permitir que o mesmo construa sua própria autonomia para que, ao estar além dos muros escolares, possa desenvolver as habilidades adquiridas.

Selva Fonseca⁴⁰ defende que a formação do aluno começa no meio em que este está inserido, sendo assim, o ensino escolar não pode simplesmente desvalorizar essa bagagem que o aluno traz de seu cotidiano. Por mais que seja difícil reconhecer essa multiplicidade de cotidianos é importante que ao apresentar um tema este esteja vinculado ao meio em que a maioria daqueles alunos está inserida.

Um dos passos essenciais para que a vivência do aluno influa nas aulas é que o professor se desnude da sua armadura de conhecimento e permita-se construir, como parceiros, junto com o aluno, o saber histórico⁴¹. Esse processo pode dar-se com a utilização de fontes, através de questionamentos dos alunos diretamente ao documento, privilegiando uma história-problema que tomará o caminho do interesse e curiosidade científica do aluno.

Flávia Caimi⁴² demonstra em um de seus trabalhos que não é nova a utilização de fontes dentro de sala de aula, entretanto essas são utilizadas comumente apenas como exemplos, não sendo problematizadas para que os estudantes possam lê-las e compreender/participar do processo de formação do conhecimento histórico.

Ao trabalhar com a história local, algo tão próximo dos alunos, o professor acaba por

³⁹SILVA, M. A. D.; FONSECA, S. G. Ensino de História Hoje: Errâncias, Conquistas e Perdas. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 60, p. 13-33, 2010. p. 24.

⁴⁰FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados**. Campinas - SP: Editora Papirus (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico), 2003.

⁴¹CERRI, L. F. **Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 75.

⁴²CAIMI, F. E. Fontes históricas na sala de aula: Uma possibilidade de produção do Conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 129-150, 2008.



adentrar no campo de luta da memória. No presente texto esse debate passa pela questão da origem do futebol nacional. Embora a memória não se embase na metodologia histórica⁴³, ela pode ser utilizada a fim de problematizá-la, gerando construção de conhecimento histórico-científico. Afinal, como defende Flávia Caimi⁴⁴, a memória cumpre a função da constituição e manutenção das sociedades.

A Fábrica Bangu em sala de aula

O Rio de Janeiro se torna ainda no século XVIII a capital da colônia. Com a vinda da família real para o Brasil, passa a ser capital do Império português e é no bojo desse desenvolvimento político que o crescimento econômico é intensificado, a ponto de se tornar o coração financeiro do país⁴⁵.

Nossa proposta é pensar o desenvolvimento fabril do Brasil através do bairro de Bangu na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente a fábrica que deu origem ao bairro. Por meio de fontes e textos que tratem da fábrica, também do time de futebol oriundo da mesma, da vivência operária dentro e fora dos portões da fábrica, serão colocadas questões geradoras para que os educandos possam, junto ao professor, construir conhecimento. É pensando nesse objetivo que trabalhamos anteriormente o contexto do processo de formação das bases para a industrialização nacional.

Os temas propostos para serem discutidos através da fábrica estão na tabela a seguir para leitura ampla e geral da proposição. Seguem esses temas acompanhados de sugestões de fontes históricas a serem utilizadas nas aulas e também dos objetivos específicos.

Tema	Fonte Histórica	Objetivos Específicos
Pioneirismo Inglês	Fotografia da Fábrica por fora; Fotografia de Fábricas Inglesas e da Fábrica Bangu na linha de Produção; Tabela de acionistas da Fábrica Bangu.	- Compreender o surgimento das fábricas; - Entender o sistema de divisão de trabalho; - Estabelecer relação do surgimento da indústria no

⁴³NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 9.

⁴⁴CAIMI, F. E.. História Escolar e Memória Coletiva: Como se Ensina? Como se Aprende? In: ROCHA, H. A. B.; MAGALHÃES, M. D. S.; GONTIJO, R (orgs.). **A escrita da História Escolar: Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 65-79. p. 73.

⁴⁵SOUZA. **Mauá e a tradição da modernização industrial no Brasil**, p. 30.



		<p>Brasil com a imigração europeia utilizando o exemplo dos ingleses na Fábrica Bangu;</p> <ul style="list-style-type: none">- Refletir sobre a relação entre capital investidor da indústria e o fim da escravidão;- Observar traços de imigração através da tabela de acionistas.
<p>Cotidiano nas Fábricas</p>	<p>Trecho que fala sobre a Morte de Crianças na Fábrica; Mapa da área que pertencia a Cia.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Compreender o cotidiano dos Operários dentro das fábricas;- Estabelecer relação entre o surgimento dos Movimentos operários (Ludismo, Cartismo, Anarco-Sindicalismo no Brasil, Comunismo no Brasil) e a vivência dos operários nas fábricas;- Diferenciar Anarquismo e Comunismo.
<p>Futebol nas relações fabris</p>	<p>Foto e Biografia do Garrincha; Site Oficial do Bangu Atlético Clube; Nome Original do Bangu.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Relacionar o Futebol como opção de vivência dentro da fábrica;- Relacionar o nome original do clube com a influência inglesa na fábrica;- Estabelecer a relação do Patrão com o futebol dentro das fábricas;



		- Refletir sobre a função do futebol atualmente.
Progresso e Industrialização	Trecho que fale sobre a criação da Fábrica e sua relação com a Ferrovia; Foto da inauguração da Ferrovia Mauá.	- Relacionar a ideia de progresso com a construção da ferrovia; - Perceber a influência política do Estado brasileiro na industrialização nacional através das relações Estado-Empresariado; - Desnaturalizar o papel de fornecer infraestrutura do Estado.

Tabela 1: Relação de temas e fontes históricas. (autoria própria)

Como primeiro tema a ser abordado, sugerimos o Pioneirismo Inglês na indústria, perpassando a Revolução Industrial do século XVIII. A Fábrica Bangu tem uma série de identificações com as que surgiram na Inglaterra anos antes, isso se pode notar pela arquitetura, como discute em seu texto Fernando de Andrade⁴⁶, e também pela grande quantidade de britânicos que vêm para trabalhar⁴⁷.

Com as fotos da fábrica Bangu por fora é possível colocar alguns questionamentos para os alunos para que eles possam refletir, desde se eles conhecem aquele lugar até sobre a origem daquela arquitetura e modelo de organização.

Com as fotos⁴⁸ da parte interna surge a oportunidade de comparar os modelos até então estudados com a forma capitalista-fábrica de divisão do trabalho e a partir daí perceber como se dariam as relações trabalhistas dentro das fábricas no Brasil na virada do século.

A mão de obra que dá a base para a fábrica funcionar é a inglesa e a partir disto é possível traçar alguns aspectos da imigração no Brasil e relacioná-la com a abolição da escravidão. A Fábrica

⁴⁶ ANDRADE, F. T. D. Práticas Fotográficas e Memória: a Fábrica Bangu. In: XIII Encontro de História Anpuh-RJ. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2008. p. 1-8. p. 3.

⁴⁷ JUNIOR. Quando a Fábrica cria o Clube: O Processo de Organização do Bangu Athletic Club (1910), p. 3; SEVERINO. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República, p. 8.

⁴⁸ As fotos referentes à fábrica Bangu podem ser encontradas no Acervo do Museu de Bangu – Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos.



Bangu é da década de 1890, ou seja, pós-abolição, e para adentrar essa discussão é possível provocar os estudantes a respeito de quem trabalhava nessa fábrica. Com as respostas advindas da turma, se pode trabalhar a imigração como opção ao trabalho escravo, por questões de eugenia e também pela diferenciação do sistema de trabalho, tanto que para as fábricas trazem-se ingleses, o que não ocorre para a colonização do interior do país que é feita com italianos, alemães, poloneses, etc.

Apresentar a tabela de acionistas que inauguram a Cia. que dará origem à Fábrica Bangu permite a reflexão sobre aspectos de investimentos na indústria, demonstrando a readaptação de capitais do comércio e também dos excedentes do café⁴⁹.

Origem	Num. accionistas (absoluto)	Nº de ações %	absoluto	%
Comércio em geral (exceto tecidos e café)	40	31,50	5.560	37,07
Comércio de café	10	7,87	1.275	8,50
Comércio de tecidos	6	4,72	375	2,50
Bancos e banqueiros	9	7,09	4.418	29,46
Indústrias e industriais	5	3,94	320	2,13
Capitalistas e Proprietários	7	5,51	705	4,70
Profissionais liberais	17	13,39	950	9,31
Total	127	100	15.000	100

Tabela 2: Origens do capital. Fonte: CPIB – Lista de acionistas em 06/02/1889

Após o pioneirismo inglês, sugerimos o estudo sobre o cotidiano das fábricas, pensando a partir da Fábrica Bangu o sistema de trabalho fabril e os movimentos contra as más condições de trabalho na indústria.

O texto de Carlos Severino⁵⁰ discute o processo de emprego de menores nas fábricas. É interessante começar a discussão sobre a vivência dentro da indústria pela questão das crianças até pela proximidade etária entre estes sujeitos e os educandos (de ensino fundamental ou médio).

Um dos trechos mais chamativos do texto de Carlos Severino é o recorte que ele faz d'O *Paiç* datado de 11 de junho de 1916 sobre a morte de uma criança dentro da Fábrica Bangu em que a mãe presenciou:

Horível desastre o que ocorreu ontem na Fábrica de Tecidos do Bangu. (...) Ontem, quando o infeliz menino esperava o elevador em que subiria ao pavimento em que trabalha sua mãe, distraiu-se, sendo apanhado pelo elevador que descia, ficou imprensado entre as grades, falecendo instantaneamente. O

⁴⁹ OLIVEIRA. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.

⁵⁰SEVERINO. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República.



horrível desastre causou geral consternação entre os operários e a infeliz Maria de Sá, ao deparar com seu filho morto, foi presa de uma crise de nervos⁵¹.

A partir deste trecho é possível provocar os estudantes a pensarem sobre opções que estes trabalhadores tinham para que estes fatos deixassem de ocorrer e pudessem ter segurança no seu cotidiano de trabalho. Com essa reflexão é possível adentrar o tema dos movimentos operários, desde os primeiros (Ludismo e Cartismo) até o desenvolvimento destes aqui no Brasil no início do século XX sob o comando dos anarquistas, principalmente os italianos, e depois dos comunistas, sobretudo a partir da década de 1920.

Também é possível discutir se estes operários tinham liberdade ou não. No período do recorte aqui adotado a escravidão já havia sido abolida oficialmente, entretanto fazer paralelos sobre as relações de trabalho fabril e escravocrata permite ao educando desnaturalizar os modelos de trabalho. Uma das bases para se pensar esse paralelo vem da ação da Fábrica Bangu de criar armazéns para a venda de produtos que seriam descontados nas folhas de pagamento⁵², modelo muito semelhante ao utilizado nas imigrações de Campos Vergueiros que instalou uma espécie de escravatura branca.

O mapa⁵³ do território que a fábrica era dona permite pensar com os alunos como os operários se viam obrigados, não de maneira direta, mas indiretamente, a consumir aquilo que era vendido no armazém da própria fábrica. Isso se dá pela extensão do território pertencente à Companhia, tornando inviável a saída destes operários dos limites dos terrenos pertencentes à fábrica.

Outro aspecto que também pode ser analisado através deste mapa são as consequências das Leis de Terras (1850) e como a partir destas os mais pobres, incluindo ex-escravos e alguns imigrantes, ficaram reféns dos grandes latifundiários. Refletir com os alunos a função da terra para as comunidades humanas e para a formação da sociedade brasileira, assim como a concentração dela que obrigou a compra das mesmas pelos operários se quisessem continuar morando nas localidades aonde haviam estabelecido a sua vida, oportuniza a desnaturalização da ideia de morar e de terra.

Ainda sobre a vivência dos operários é possível ver no futebol uma das saídas para a vida que eles levavam. Fatima Antunes⁵⁴ em seu texto discorre sobre essas relações do futebol e a

⁵¹_____. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República, p. 14.

⁵²OLIVEIRA. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.

⁵³_____. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.

⁵⁴ANTUNES. O Futebol nas Fábricas, p. 109.



vivência dentro das fábricas, inclusive fazendo menção a Garrincha que foi um jogador que começou em clubes de fábrica. Através de apresentação da biografia de Garrincha, que a maioria dos alunos, ao menos, devem ter ouvido falar, é possível relacionar o futebol como opção de melhoria de vida.

O futebol é um dos indicadores das acepções dentro das fábricas. Primeiramente entre os próprios empregados devido a questões de nacionalidades, e isso nota-se quando Fatima Antunes afirma que o Bangu é um dos primeiros times a permitir, por falta de opção de jogadores britânicos, o acesso de outras nacionalidades ao futebol, sendo, segundo a própria autora, um dos primeiros passos para a democratização do futebol.

O outro aspecto das acepções estava voltado ao patronato. O futebol nas fábricas teve iniciativa dos operários, mas cresceu com o apoio dos industriais⁵⁵. A foto⁵⁶ do primeiro campo do time do Bangu pode ser tomada como ponto de partida para a reflexão sobre a influência destes industriais nos clubes que estavam surgindo durante esse período e quais as suas intenções com os mesmos.

Através dessa abordagem é possível relacionar o futebol de maneira específica, e o esporte de maneira mais geral, as expectativas que temos atualmente sobre eles.

O futebol visto como opção à vida do operário convencional passa pela ideia de progresso social. A Fábrica Bangu só se tornou viável devido a outro símbolo do progresso: a Ferrovia.

Márcio de Oliveira afirma em seu texto que:

[...] a ferrovia para a Fábrica Bangu é um fator de fundamental importância na compreensão de sua localização e organização do seu espaço fabril, ao contrário do que ocorreu com as demais indústrias têxteis do mesmo surto dela, no qual o sistema de carris urbanos teve um papel mais preponderante⁵⁷.

Apresentar aos alunos este trecho, lembrando-os do mapa do território pertencente à Cia. Progresso Industrial do Brasil, e provocá-los a pensar sobre a importância da ferrovia para este empreendimento, o que ajuda a construir a compreensão da visão de progresso que era simbolizada na ferrovia à época, como afirmado por Rafael Souza⁵⁸.

Com a problemática da ferrovia e com a pergunta reflexiva de como esta chegou até ao Brasil é possível adentrar o tema da industrialização nacional de maneira mais geral estudando a

⁵⁵ANTUNES. O Futebol nas Fábricas, p. 2.

⁵⁶Site oficial do Bangu Atlético Clube. Disponível em: <http://72.29.89.126/~banguacom/bangu/sua-historia/>. Acesso em: 12/01/17.

⁵⁷OLIVEIRA. Quando A Fábrica Cria O Bairro: Estratégias Do Capital Industrial E Produção Do Espaço Metropolitano No Rio De Janeiro.

⁵⁸SOUZA. *Mauá e a tradição da modernização industrial no Brasil*, p. 38.



figura emblemática do Visconde de Mauá e das relações do Estado brasileiro com a industrialização do país.

Apresentar a foto d'*A Baronesa*⁵⁹, primeira locomotiva a circular no Brasil, permite adentrar as construções feitas pelo Visconde de Mauá, explorando suas relações com o governo imperial, principalmente pelos seus títulos nobiliárquicos mesmo sem ter o “sangue nobre”.

A reflexão sobre o reconhecimento, através dos títulos nobiliárquicos, das obras empreendidas por Irineu Evangelista de Souza, alinhada também com as feitorias da Cia. Progresso Industrial do Brasil, oferece a oportunidade de fazer uma crítica sobre a função do Estado e desnaturalizar as ações assistenciais do mesmo, percebendo-o como construção feita com tensões políticas, econômicas e sociais.

Conclusão

Este texto não tem a ousadia de querer ensinar ao professor a lecionar, mas de oferecer uma sugestão que pense o cotidiano do aluno e a história local para ensinar outras histórias.

A Fábrica Bangu é emblemática dentro do cotidiano que está inserida. É importante até mesmo pensar com os alunos as funções da mesma hoje e décadas atrás, pois ela nasce com objetivos capitalistas e assim permanece até a atualidade, primeiramente e sob a influência do capitalismo industrial britânico, hoje sob a febre consumista estadunidense.

Desconstruir e reconstruir com os alunos significados frente a algo que está inserido no seu cotidiano de maneira tão naturalizada é um exercício que oferece a oportunidade ao jovem de repensar suas ações através da crítica e do olhar sempre arguidor. É esse tipo de olhar que gera a autonomia no educando, permitindo-o viver dentro da sociedade democrática como sujeito da sua própria história e da história do seu local.

⁵⁹ Site do Museu do trem. Disponível em: <<http://www.rffsa.gov.br/imagem/Baroneza.JPG>. Acesso em: 13/01/17>.